

## OS LIVROS APÓCRIFOS

### Introdução:

Ao lado dos livros canônicos da Escritura Sagrada, existem outros livros da mesma época dos outros, porém, estes não são considerados inspirados por Deus, portanto, não fazem parte do cânon oficial da Bíblia.

A palavra “apócrifo” vêm da palavra grega *apócrifos* que significa escondido, secreto, oculto. E receberam este nome porque eram pouco usados nos cultos públicos e oficialmente, nunca eram usados na liturgia de ensino. Mas a Igreja Católica Apostólica Romana os coloca em pé de igualdade com o restante das Escrituras. Logo, a Igreja Católica não os chama de Apócrifos, mas de Deuterocanônicos, isto é, pertencentes a um 2º cânone.

A inspiração duvidosa destes livros foi a principal causa de sua exclusão, devido não ter autor bem definido, e tratar de assuntos que vão de encontro com a doutrina dos escritos canônicos, como a “salvação por boas obras” (Tobias 12.9) e a “oração pela remissão dos mortos” (Macabeus 12.45).

O número de apócrifos do Antigo Testamento pode variar, pois há muitas separações diferentes. Normalmente são estes os livros que encontramos nas bíblias católicas: Tobias; Judite; Eclesiástico ou Sirácida; Sabedoria; Baruque (Baruc); a Epístola de Jeremias; I Macabeus; II Macabeus; acréscimos a Ester; acréscimos a Daniel. Junto ao livro de Baruc está inserido no último capítulo ou como um complemento do livro de Baruc a Carta de Jeremias. Porém, esta é tida como um escrito independente.

Além destes livros, temos outros livros que também são considerados apócrifos, inclusive na visão da Igreja Católica Apostólica Romana: Livro de Enoc; Livro dos Jubileus; Testamento dos Doze Patriarcas; 3º e 4º Macabeus; 3º e 4º Esdras; Apocalipse de Baruc; Salmos de Salomão; Oráculos Siberinos e Assunção de Moisés.

### **1. JUDITE**

O livro é uma remontagem de três versões gregas e de duas traduções secundárias do texto original hebraico que, na verdade, nunca foi encontrado em Qumran. Não se sabe quem é o autor do livro que deve ter aparecido no século III ou II a.C.(depois de 300 a.C.), pois pelo seu contexto histórico, o autor redigiu esta carta na época helenística, chegando até nós somente o texto grego.

O centro da narrativa é a libertação da cidade de Betúlia sitiada por Holofernes, general de Nabucodonosor. Esta libertação ocorreu graças ao feito heróico de Judite. A cidade estava cercada e sem mananciais de água ou alimentos externos. Caso Deus não os salvasse em 5 dias, eles entregariam-se. Judite, ai ao acampamento de Holofernes. Este a acolhe e Judite mata-o e traz sua cabeça aos cidadãos de Betúlia. Imediatamente os assírios, cheios de temor são derrotados. Judite entoia um cântico de louvor e é enaltecida pelos seus concidadãos e habitantes de Jerusalém. Por fim, Judite morre aos 105 anos, após dar sua herança à sua escrava agora liberta.

Por seu gênero literário e pelos acontecimentos históricos, o livro de Judite é uma narrativa fictícia, de uma heroína que encarna a nação judaica, o povo eleito de Deus, estável na sua fidelidade ao Senhor, praticante da sua lei, puro de toda mancha de idolatria. Tal livro foi redigido de maneira livre, e surgiu ao lado de Tobias, Rute e Éster. Provavelmente, inspirado em Jael que matara Síscara com um martelo ou em Davi e Golias, com uma narrativa de época recente e distanciada no tempo, ilustra de que o destinatário desta carta deveria manter-se firme e a esperarem a ajuda de Deus. Certamente o autor tinha Javé como Criador e Aquele cujo poder se

manifesta na história, provando o seu povo com tribulações, não os entregando aos inimigos, caso permanecessem fiéis à Lei; e, quem for chamado a agir, como Judite, aja com prudência e força de vontade.

## **2. A SABEDORIA DE SALOMÃO**

Este é o mais recente de todos os livros, tendo sido escrito segundo muitos estudiosos na primeira metade do século I a.C. provavelmente em Alexandria (Egito), pois o autor revela-se profundo conhecedor da cultura e religião egípcia. O autor não é conhecido por nome, e a atribuição dada à Salomão é devida a fama deste nos seus tempos de rei de Israel. Provavelmente seu autor seja um judeu helenista, fiel à formação judaica recebida, firme na fé dos antepassados. A composição de tal obra “A Sabedoria de Salomão” foi transmitida em Grego.

A intenção do livro é conduzir o leitor à verdadeira sabedoria e, conseqüentemente, a uma vida agradável a Javé. Quem busca a sabedoria, que só é concedida ao justo, será recompensado com a imortalidade da alma. O rei Salomão mostra aos outros reis a ação de Deus na história, para libertar seu povo e castigar seus inimigos.

O autor provavelmente também teve por objetivo fortalecer e sustentar aos judeus fiéis na fidelidade às tradições pátrias. Mas não esquece também dos pagãos com quem tenta estabelecer um diálogo, propondo-lhes conhecer o Deus dos hebreus, a superioridade da sabedoria hebraica sobre a grega, a inanidade da idolatria, cuja origem e irracionalidade procura explicar. Este está convencido de que Deus é o Criador onipotente, que fez o mundo bom e saudável, em sua sabedoria. Portanto, nada devemos esconder de Deus, até mesmo os nossos pensamentos. Quanto ao conteúdo, pode-se fazer a seguinte divisão:

- a) Caps. 1-6.21: A Sabedoria como norma de vida (Um ardente convite a que se busque a sabedoria)
- b) Caps. 6.22-9.18: A Sabedoria em si mesma (A Sabedoria é apresentada na sua personalidade pelo próprio Salomão, que a anuncia como é e como nasceu desde o princípio da criação)
- c) Caps. 10.1-19.22: A Sabedoria em ação na história da salvação (Um magnífico elogio do monoteísmo contra a insensatez da idolatria)

É digno de nota ressaltar ainda a postura do autor que completa o livro com idéias helenísticas, mas procura harmoniza-las com os fundamentos bíblicos aos quais se mantém fiel.

## **3. TOBIAS**

Entre os judeus medievais, a história de Tobias possuía muita popularidade, pois várias foram suas traduções hebraicas e aramaicas na Idade Média. Tudo indica que o livro foi primeiramente escrito em hebraico e logo depois traduzido para o aramaico. Esta tradução em aramaico serviu de base para a tradução grega.

O conteúdo do livro conta como Tobit (neftalita), sua mulher Ana e o seu filho Tobias foram deportados para Nínive. Observante da Lei, enquanto Tobit dormia ao ar livre, uma andorinha deixou cair excremento nos seus olhos e, em conseqüência, ficou cego. Na mesma época, em Ecbátana, Sara, filha de Ragüel, era atormentada por um demônio ao qual já havia matado sete maridos seus, na noite de núpcias. Então Deus envia o anjo Rafael para curar tanto Tobit como Sara. Tobit envia seu filho Tobias para cobrar 10 talentos que estava com Gabael, em Mécia (Mécia). O anjo Rafael se apresenta como Asarias, que o acompanha na viagem, e o aconselha a guardar o fel, o fígado e o coração de um peixe do rio Tigre como remédio. Ao chegar em Ecbátana ,

Tobias casa-se com Sara que era sua prima, e graças ao fígado e ao coração do peixe que o pôs a queimar, a noite de núpcias transcorreu normalmente, porque a fumaça neutralizou a ação do demônio Asmodeu. Por fim, com o fel do peixe, Tobias cura a cegueira do pai e segue-se uma grande festa. Por fim, Rafael dá-se a conhecer, Tobit entoia um hino e encerra o livro com as últimas palavras de Tobit e o relato de sua morte. Tal livro pode ser dividido da seguinte maneira:

- a) Caps. 1-3.17: A provação do justo.
- b) Caps. 4-13.18: Intervenção de Deus em favor dos justos.

Pela crítica literária, chega-se a conclusão que o final do livro, a partir da festa de regozijo, foi anexado ao original aramaico, por seu estilo diferente dos demais capítulos.

O livro é datado por volta de 200 a.C. e o seu autor provavelmente seja do Egito ou da Síria ocidental.

A narrativa mostra que Deus pode se servir de anjos, assistindo aos homens por palavras e atos. Ao lado da crença dos anjos, surge a crença aos demônios e a sua influência maligna. Para vencê-los, recorre-se a poderes misteriosos de estranhos medicamentos, ou seja, a magia é considerada benéfica e até mesmo recomendada por um anjo de Deus. O livro ainda salienta a prática das virtudes domésticas (observância da lei, por ex. a esmola, justo salário, a honestidade, etc.), e contém um belo elogio ao matrimônio.

#### 4. ECLESIAÍSTICO

Encontrados nos séculos XI e XII d.C. em Cairo cerca de 2/3 do texto hebraico, que concordam com outros fragmentos encontrados em Qumran. Outros fragmentos foram encontrados em Masadá. O título da obra não existe em hebraico. Em grego o nome é *Sophia* (Sabedoria de Jesus, filho de Sirac), e o título em latim é *Eclesiástico* (da Igreja), mas provavelmente, é como sendo uma forma ampliada de *Eclesiastes* (o Pregador) de Salomão.

O livro era o favorito dos cristãos, mesmo não sendo do cânon judeu, e ocasionalmente citado como se fosse Escritura pelos rabinos. Era muito utilizado pelo seu valor prático, como instrução dada aos catecúmenos. Tal livro pode ser dividido assim:

- a) Caps. 1.1-42.14: Uma vasta antologia de ensinamentos para a vida prática quanto ao indivíduo, em relação ao próximo, e em relação a Deus.
- b) Caps. 42.15-50.29: Um hino à Sabedoria de Deus manifestada na natureza, e história de Israel.
- c) Cap. 50.1-30: Um cântico à bondade de Deus encerra o livro.

*Eclesiástico* apresenta os princípios do escriba ideal, ortodoxo e devotado a Deus. A obediência à Lei era observada com rigor. O elogio dos antepassados que culmina na glorificação do sumo sacerdote Simão, filho de Onias, constitui um conjunto de natureza especial. O livro termina com uma oração.

O livro foi escrito por volta do ano 190 a.C. em Jerusalém por um piedoso israelita que chama a si mesmo Jesus, filho de Sirac, que se dedicava ao estudo das Escrituras. O livro de Sirac pertence à série de obras da literatura sapiencial e tem muita semelhança com as partes mais recentes do livro canônico dos Provérbios. Sirac vê Deus de Israel como o condutor da história, o justo juiz e o dispensador da sabedoria. Por isto o justo pode esperar que lhe seja concedido à recompensa: a vida eterna.

## 5. BARUC

O nome Baruc, deriva provavelmente do homônimo secretário do profeta Jeremias cuja obra dele faz menção nos caps. 32; 36;43;45. Não significa que este tenha sido o autor do livro (questão que não tem ainda resposta plausível), pois alguns atribuem o livro até ao próprio Jeremias (incluindo Agostinho). O livro de Baruc só chegou até nós em grego, mas provavelmente havia um original hebraico perdido, ao qual foi traduzido para o grego.

A perícopé introduz uma história, que segundo a qual Baruc escreve uma carta na Babilônia e resolve manda-la para Jerusalém, juntamente com uma coleta. A carta deveria ser lida em dias de festa e, logo após deveriam ser oferecidos sacrifícios pela saúde de Nabucodossor e seu filho Baltasar. O livro também contém um elogio à sabedoria, que é dom de Deus. Esta era desprezada e agora devem procurar segui-la. Enquanto Jerusalém sofre sua desgraça, Deus profere palavras consoladoras de esperança. Tal obra pode ser dividida da seguinte maneira:

- a) Cap. 1.1-1.14: Introdução
- b) Caps. 1.15-3.8: Primeira parte (Humilde confissão dos pecados quando do rompimento da aliança com Deus)
- c) Caps. 3.9-4.4: Segunda parte (Elevado elogio da Sabedoria)
- d) Caps. 4.5-5.9: Terceira parte (Exortação à esperança, de caráter profético)

O livro possui partes isoladas, de diferentes épocas e ora é considerado como livro á parte e outras vezes posto como continuação da profecia de Jeremias. A obra só foi reunida, como um todo, e ao mesmo tempo ligada por uma introdução histórica, depois de 70 d.C.

Teologicamente, parece que o autor ou autores, não acreditavam numa vida após a morte, mas esperavam uma breve mudança de rumo nos acontecimentos.

## 6. A CARTA DE JEREMIAS

A exemplo de Baruc, a carta de Jeremias encontra-se em língua grega, mas supõe-se a existência de um original hebraico, que foi confirmado com a descoberta de seis manuscritos na gruta 4 de Qumran. Às vezes é tida como escrito independente, outras vezes é tida como o capítulo 6 do livro de Baruc e outras vezes ainda, considerada como complemento da obra de Jeremias. Quanto á autoria, não se pode atribuí-la a ninguém, já que toda ela se dirige contra o culto babilônico, pensa-se que foi escrita durante o exílio babilônico por um desconhecido, para conservar o culto ao Deus verdadeiro entre os exilados.

O documento possui uma pergunta que se repete 9 vezes contra a idolatria; “Como admitir que deuses desta espécie sejam verdadeiramente deuses?” Provavelmente, o autor fez uso de Is 44.9-20 e Jr 10.1-6 como modelo. A única diferença, é que o texto está em prosa e não em verso.

A carta aponta para o perigo do paganismo. Com tom irônico, procura condenar menos o pecado do que açoitar a idolatria.

## 7. O PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

Inicialmente chamado *Livro das gestas dos macabeus* tal livro foi composto por um autor a nós desconhecido, mas seguramente bastante próximo dos acontecimentos narrados em contato com as pessoas que deles participaram, sendo tal livro conservado em grego, mas sua tradução provém originalmente de um texto hebraico.

Macabeus era o sobrenome do sacerdote Matatias, cujo terceiro filho era chamado de Judas Macabeus. Por isso acredita-se que este livro foi escrito por um judeu da palestina. O livro inicia com um breve relato sobre Alexandre Magno, a partir disto, inicia uma narrativa com grande valor histórico: a ascensão de Antíoco IV Epífanes ao trono e, relata as medidas que ele tomou para reprimir a religião judaica. Com esta agressão, Matatias, natural de Modin, desenvolve uma resistência, relatando as lutas, o sucesso e a morte de Judas Macabeu. Num estilo simples e impressionante, descreve o período de 40 anos desde o trono de Antíoco IV (175 a.C.), até a morte de Simão (135 a.C.), animado por uma série de discursos, orações, cânticos de lamentações e salmos triunfantes.

Escrito provavelmente entre 103 à 63 a.C., o primeiro livro dos Macabeus mostra a luta de homens contra homens sob o comando de Deus. A fidelidade à Lei, retamente interpretada, é coroada por Deus com sucessos.

## **8. O SEGUNDO LIVRO DOS MACABEUS**

A carta é muito confusa, com problemas de ordem histórica e com várias cartas inseridas dentro de uma original. O livro divide-se em duas partes: a primeira com 2 cartas e a segunda parte contém 5 cartas. Quanto à autoria, não conhecemos o autor, mas manifesta-se como israelita, profundamente religioso e sinceramente apaixonado pela causa do judaísmo. Domina bem o grego, que usa elegantemente, e deve ter composto sua obra nesta língua entre 134 e 63 a.C.

A primeira parte contém duas cartas. Ambas é um convite dos judeus de Jerusalém aos judeus do Egito. A primeira é para celebrarem a Festa das Cabanas no mês de Casleu. A segunda, comprovado com lendas e milagres, para celebrarem a festa do Templo.

A segunda parte do segundo livro dos Macabeus, possui uma narrativa histórica, descrevendo os fatos que ocorreram com Seleuco IV (185 a.C.); a perseguição sob Antíoco IV Epífanes até sua morte; a purificação do templo; o combate com as cidades vizinhas; as duas expedições de Lísias, o regente do reino, à qual segue-se a campanha de Nicanor em 162 a.C. Destas 5 cartas, provavelmente as duas primeiras cartas foram compiladas à um original hebraico, mas foram remanejadas de seu estado primitivo, devido a acréscimos e ampliações ao estilo do conjunto pelo escritor, provavelmente, João de Cirece, que havia escrito a pré-história dos Macabeus e a sua história (cf. 2.23).

A doutrina teológica mostra um grande progresso em relação ao Antigo Testamento e já possui linhas com o Novo Testamento. É o primeiro livro a mostrar claramente a doutrina da *criação a partir do nada*. Defende a ressurreição dos mortos, pelo menos para os justos.

## **9. OS TRECHOS ACRESCENTADOS A ESTER**

Em Qumran não se encontrou o Livro de Éster. São Jerônimo colocou estes acréscimos no final do livro, com a observação de não os ter encontrado em hebraico. Trata-se de seis ampliações, divididas em nove unidades de sentido: 1) sonho de Mardoque; 2) a conjuração contra Artaxerxes; 3) edito sobre a exterminação dos judeus; 4) oração de Mardoqueu; 5) oração de Éster; 6) Ester diante de Artaxerxes; 7) edito em favor dos judeus; 8) significado do sonho narrado no início; 9) menção do nome do tradutor.

Provavelmente os textos originais foram escritos em um grego que se aproxima da LXX. Sobre a data do livro há várias teorias. Uns dizem que o livro trata-se do ano 114 ou 78 a.C. da época de Ptolomeu VIII ou Ptolomeu XII; outros afirmam que poderia haver alguma referência ao livro de Ester do original hebraico, que data-se do final do século I a.C.; e a última teoria que o livro

teria sido escrito na época da ascensão de Mitrídates Arsácida. O autor certamente foi um judeu pertencente a uma colônia da diáspora dos judeus do Egito que habitavam em Jerusalém.

## **10. ACRÉSCIMOS DE DANIEL**

Na Bíblia grega, o livro de Daniel contém três acréscimos em relação ao cânon hebraico, sendo eles:

### **1) Susana:**

Susana, filha de Helcias e mulher de Joaquim, excitam, com sua extraordinária formosura, a concupiscência de dois anciãos cujos avanços ela repele. Logo em seguida é acusada, injustamente, de adultério, pelos dois, sendo condenada à morte. Daniel, um jovem chamado por um anjo, contradita a sentença, submete os dois acusadores, separadamente, a interrogatório, e os convence de falso testemunho. Em consequência, os dois são entregues à morte, lançados num despenhadeiro e atingidos por um raio divino.

O autor é judeu, provavelmente residente na Palestina, porque somente ali é que existia a possibilidade de executar a pena de morte.

A narrativa mostra a superioridade do método utilizado pelos jovens, que exige o interrogatório em separado das duas testemunhas, ao contrário do método dos antigos, o qual considera a concordância de duas testemunhas como suficiente.

### **2) O Cântico dos três jovens lançados na fornalha ardente:**

A transmissão foi feita seguramente por uma base hebraica. O livro inicia com a oração de Asarias, que é um cântico de lamentação coletivo (porque utiliza o “nós”), é um louvor à grandeza e à justiça de Deus, seguido de uma confissão de pecados e de uma situação de calamidade em que se encontram.

A oração é intercalada com prosas que falam como se fez o aquecimento da fornalha, sendo o fogo tão forte, que os que atizam o fogo, eram tragados pelas chamas da fornalha, enquanto um anjo se associa aos três jovens e transforma o calor no interior da fornalha num fresco vento. A oração dos três jovens é um hino à onipotência de Deus.

### **3) Bel em Babilônia, e sobre o dragão de Babilônia:**

O texto foi encontrado na LXX, mas é provável que este tenha usado um original hebraico.

Na LXX, a narrativa traz o seguinte título: “Extraído da profecia de Habacuc, filho de Jesus, da tribo de Levi”, por isto, parece que constituiu um apêndice de Habacuc. Mas a presença de Habacuc no título constitui apenas um episódio dentro da narração que, nas demais partes, têm Daniel como herói.

Sob o título de “Bel e o dragão” acham-se duas narrativas, ligadas entre si pela questão de saber quem seja o verdadeiro Deus. A primeira tem por objeto o deus Bel, ou melhor, a sua estátua instalada no templo de Bel em Babilônia, enquanto a segunda trata do animal de guarda do deus, um dragão vivo que era objeto de culto. O rei de Babilônia, de nome Ciro pergunta a Daniel, (filho de Habal, segundo a LXX), por que não adora Bel para o qual se preparava, todos os dias, unia quantidade imensa de alimentos. Faz-se uma aposta, na qual é o próprio rei — e não os sacerdotes — que manda levar os alimentos ao templo de Bel, e em seguida selam-se as portas da *cella* (cubículo) do deus. Segundo a tradução de Teodocião, Daniel espalhará cinza, antes, sobre o piso do templo, sem o conhecimento dos sacerdotes. De noite, os sacerdotes entram no templo, com suas mulheres e filhos, por uma porta secreta e levam os alimentos para suas casas. Na manhã seguinte,

quando o rei manda retirar os selos, verifica, para sua satisfação, que os alimentos desapareceram, mas Daniel lhe chama a atenção para as pegadas deixadas no chão. Reconhecendo o embuste dos sacerdotes de Bel, o rei manda-os matar e destruir o santuário de Bel. Porém, mesmo assim, não se dá por vencido: convida Daniel a reconhecer que o dragão era um deus vivo. Daniel pede ao rei que lhe permita matar o dragão sem usar de armas, e faz bolos de pez, gordura e cabelos, e os joga na boca do dragão. O dragão rebenta-se e morre. O povo exige a morte de Daniel na cova dos leões. Atirado ali, Daniel permanece sete dias entre sete leões e é alimentado miraculosamente por Habacuc. Ao término dos sete dias, o rei constata, com alegria, que Daniel continua vivo, e louva o Deus de Daniel como sendo o único que vive.

O autor tenta demonstrar através de exemplos como a história de Daniel, que Javé é o único Deus vivo e verdadeiro. Os deuses pagãos devem seu culto ao embuste dos sacerdotes e não tem verdadeira vida.

## **11. TERCEIRO LIVRO DE ESDRAS**

O Terceiro livro de Esdras da Vulgata é apresentado como o primeiro livro de Esdras da Bíblia grega.

O livro, incompleto não somente no final, onde se interrompe no meio da frase, mas também no início. É uma tradução do material extraído de 2Cr 35,1-36,23; Ed 1,1-11; 2,1-3,13; 4,1-10, 44; Ne 7,73-8,12 e disposto de maneira diferente, com pequenos acréscimos e algumas omissões ocasionais, e independente do texto de 2Cr, Ed e Ne. Em 3,1-5,6 inseriu-se a narrativa dos três pagens, que é de origem persa ou semítico-oriental. O relato dos fatos fala da páscoa de Josias, de seu fim, dos sucessores de Josias e da destruição de Jerusalém, da deportação e da permissão dada por Ciro para voltar à pátria e construir o templo, da interrupção da construção do templo, por causa das denúncias do governador da Sarnaria; relata o retomo levado a efeito no reinado de Dano e sob a chefia de Zorobabel, a construção do templo sob a chefia de Zorobabel e Josué, o desejo, indeferido, expresso pelos samaritanos, no sentido de participar na construção do templo, a primeira páscoa celebrada após o retomo, a atividade de Esdras até à sua intervenção contra o casamento com as mulheres estrangeiras e à leitura da lei diante do povo. A narrativa inserida dos três pagens fala de um grande festim promovido por Dano 1 (522-486 a.C.).

Os três pagens, que devem garantir a segurança do sono do grande rei, resolvem que cada um escreverá em segredo aquilo que ele considerar como sendo o que há de mais poderoso. O rei decidirá, então, na manhã seguinte, em presença de seus conselheiros, quem terá sido vencedor deste torneio. Dano abre os escritos e dá a cada um em particular a possibilidade de expor a sua opinião. Mencionam-se o vinho, o rei e as mulheres, ao que, entretanto, o terceiro pagem, identificado como Zorobabel, acrescenta a verdade como sendo o quarto elemento mais poderoso. Sai vencedor e pede que sua recompensa seja voltar a seu país e edificar o templo, o que lhe é concedido por Dano.

O 3º livro de Esdras é um tradução paralela dos últimos capítulos de Crônicas e trechos seletivos de Esdras e Neemias, entre os quais foi inserida a narrativa dos pagens.

O livro deve ter aparecido por volta do séc I a.C., enquanto a narrativa dos três pagens situa-se no séc. 5 a. C., no âmbito do império persa.

## CONCLUSÃO

Estes livros nos ajudam a compreender o pensamento da época (período intertestamentário), ajudando-nos a entender as mudanças na condição política e religiosa do povo judeu.

Os livros apócrifos são passíveis de leitura com a seguinte observação: “Estes livros não estão em pé de igualdade com as Escrituras Sagradas.

Não devemos lê-los como inspirados por Deus, mas com olhos críticos à luz das Escrituras Sagradas verdadeiramente inspirada.

## **BIBLIOGRAFIAS:**

- ALEXANDER, David e Pat. **O mundo da Bíblia**. Trad. Pe. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- LASOR, William S. **Introdução ao A.T.** Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1999.
- ROST, Leonardo. **Introdução aos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1980.
- SHOLZ, Vilson. **Princípios de Interpretação Bíblica**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- SOARES, Matos. **Bíblia Sagrada**. Trad. da Vulgata. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo, 1932.
- TRICCA, Maria Helena de Oliveira. **Apócrifos – Os proscritos da Bíblia**. São Paulo: Ed. Mercuryo, 1989.

*Luíz Carlos da Silva Filho*

Ministro do Evangelho